

Terra Sonâmbula

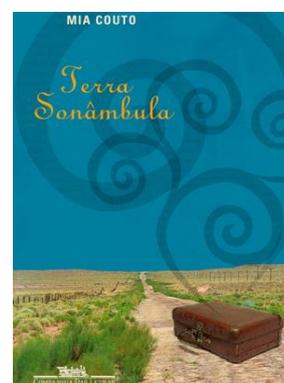
Laura Vitória Madureira Rodrigues

Terra sonâmbula é a primeira obra do escritor moçambicano Mia Couto. Não é apenas seu romance de estreia, como também um dos doze livros de literatura africana mais importantes do século XX. A narrativa mistura emoção, magia e cuidado, chamando a atenção do leitor para a terra de Moçambique após os dezesseis anos da guerra civil que assolou o país, e nos expõe sua população, cultura, crença e língua, que em tanto contrasta com o português do Brasil.

A história começa quando o menino batizado de Muidinga e o seu protetor, o velho Tuahir, estão andando por uma estrada entre os destroços da guerra civil, à procura dos pais de Muidinga, pois o mesmo perdeu a memória, e se deparam com um ônibus abandonado e queimado, um machimbombo, e resolvem fazer dele um abrigo. O ônibus incendiado é cheio de corpos que incomodam o rapaz, mas ali Muidinga encontra os diários de outro menino, chamado Kindzu, que foi abandonado pela mãe e parte em busca de se juntar aos guerreiros que lutam por seu país, vivenciando diversas aventuras ao decorrer dos dias.

Muidinga passa a ler um trecho dos diários em voz alta todos os dias e, por meio dessas histórias, ele e o velho Tuahir passam a suportar as dificuldades do dia a dia com mais leveza. As histórias de Kindzu deixam a vida em uma terra devastada, sem casa ou comida, mais indulgente.

O livro narra, paralelamente, a vida de Kindzu e Muidinga; em alguns capítulos veremos o que acontece com Muidinga e Tuahir e, em outros, saberemos mais de Kindzu, embora ambos sejam vítimas da guerra, da terra que é sonâmbula, como o próprio autor diz no livro: “*Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora.*” E a razão



COUTO, Mia. Terra Sonâmbula. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

para isso era: “*Como a terra não gostava de sofrer ela se movia procurando sonhos das pessoas. A terra era uma costureira de sonhos.*”

Durante toda a história, presenciamos a mistura de sonhos e realidade, a destruição causada pela guerra e as heranças coloniais. Somos apresentados a outros personagens, alguns marcantes e outros não, mas cada um com uma mensagem a passar.

No final, fantasia e verdade se misturam, não sendo possível diferenciá-las. Dessa forma, uma série de acontecimentos interligam os caminhos de Muidinga, Tuahir e Kindzu, à medida que a dupla passa por lugares diferentes. Há um trecho em que o pai de Kindzu pergunta o que ele está escrevendo e Kindzu responde que não sabe, que escreve conforme vai sonhando e que talvez um dia alguém possa ler os seus diários. Então, seu pai diz que é bom ensinar alguém a sonhar.

A literatura traz essa possibilidade de viajar para uma realidade mais amena, menos sofrida. Não se trata de uma obra pessimista, mas de esperança. É uma história de reconstrução pela memória. A literatura e Mia Couto, além de ampliar os nossos conhecimentos sobre a dura história de Moçambique, também ensina a sonhar.

SOBRE A AUTORA:

Laura Vitória Madureira Rodrigues é graduanda em Letras e Literaturas, na Universidade Federal Fluminense. Atua no mercado editorial como revisora de textos. Bolsista no Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE), na Universidade Federal Fluminense. Professora de Português e Redação no Pré Vestibular Popular da UFF. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, Linguística e Educação.